



## ANÁLISE DE FESTIVIDADES A PARTIR DE FOTOGRAFIAS PARA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Weverson Cardoso de Jesus

Mestrando em História pela Universidade Federal do Goiás

weversonsem@gmail.com

### RESUMO

A abertura da História para novas abordagens metodológicas a partir da Nova História Cultural permitiu que se alargassem as fontes de análises. Desse modo, as fontes documentais para investigação do historiador tornaram-se mais abrangentes, passando a incluir cinema, música, fontes iconográficas, fotografias, entre outras, como possibilidades de construção do conhecimento histórico. Propõe-se elencar a fotografia como referência, uma vez que a mesma tem sido utilizada de forma abrangente para compreensão das sociabilidades, cotidiano e memória das festividades, especificamente na Romaria da Sucupira, em Dianópolis – TO.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; festividades; religiosidade.

### Localização da romaria e abordagem histórica

O objeto de análise proposta aqui é a Romaria da Sucupira<sup>1</sup>; a mesma ocorre na zona rural do município de Dianópolis – TO, distante 326 km da capital do estado, Palmas, com ênfase nos momentos festivos a partir de registros fotográficos<sup>2</sup> no intuito de valorizar os agentes envolvidos na festa. Na localidade são festejados o Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário; essas devoções ocorrem também em outras localidades, como pontua Messias:

Em vários municípios do Estado do Tocantins acontecem os festejos que estão ligados a algumas devoções, tais como: Nossa Senhora do Rosário, Divino Espírito Santo e dos santos e santas padroeiros locais. Com costumes e tradições herdados dos indígenas, portugueses, africanos e afrodescendentes, as comunidades construíram significativas manifestações religiosas, com o tempero místico da cultura popular e com especificidades locais, no limiar das distintas fronteiras culturais. (MESSIAS, 2010, p. 21).

Em meados do século XIX no interior do sertão do antigo norte goiano (hoje, Tocantins), na região de Dianópolis, nas proximidades de Conceição do Norte (atual Conceição do Tocantins), surge a devoção a Nossa Senhora do Rosário e ao Divino Espírito Santo na festividade

<sup>1</sup>O artigo é uma extensão da pesquisa de mestrado intitulada: Romaria da Sucupira: Construindo saberes, cotidiano e sociabilidades em Dianópolis – TO, ligada ao Programa de Pós-Graduação em História –UFG.

<sup>2</sup>A pesquisa em andamento tem sido desenvolvida desde o ano de 2010, com levantamento bibliográfico, coleta de depoimentos orais, registros fotográficos, pesquisa documental, entre outras fontes elencadas como relevantes para execução da mesma.

analisada. A romaria da Sucupira tem sua origem quando um vaqueiro, ao passar por aquela região encontra uma imagem de Nossa Senhora do Rosário (Imagem 01) com pouco menos de 50 cm de altura entre os galhos de um pé de sucupira<sup>3</sup> - árvore típica do cerrado<sup>4</sup> -; daí surge o nome da respectiva romaria. O mesmo conduziu a imagem para a casa de seus patrões, na Fazenda Vazante; a imagem desapareceu e foi encontrada no mesmo lugar onde fora descoberta pelo vaqueiro. Esses dados foram colhidos nos testemunhos orais obtidos de Leônidas Tavares – antigo zelador da Igreja –, Josiano Martins<sup>5</sup>, Floracy Ribeiro<sup>6</sup>, entre outros. Essa história é recorrente e foi transmitida de geração a geração por meio da oralidade. O dado mais remoto encontrado até o momento encontra-se um trecho da obra de Osvaldo R. Póvoa; nela consta que ocorreu um assassinato em Natividade e o assassino fugitivo desejava chegar à Bahia, passou pela Sucupira:

No dia 4 de fevereiro de 1884, na Sucupira, local de romaria de N.S. do Rosário, onde pernотaram, antes do nascer do sol, conversaram enquanto preparavam o café, para depois subir à serra (PÓVOA, 1983, p. 119).



Imagem 01: Nossa Senhora do Rosário – 15 de jul. 2010.

<sup>3</sup>De acordo com LORENZI (1988, p. 352) *sucupira* é o nome popular dado a várias espécies de árvores brasileiras. Outros nomes populares são empregados, como faveiro, fava-de-sucupira, fava-de-santo-inácio, sucupira-branca, sucupira-lisa. A sucupira (*Pterodonemarginatus*) é encontrada no cerrado, nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Tocantins, São Paulo, Goiás, Piauí e Mato Grosso do Sul.

<sup>4</sup> O Ministério do Meio Ambiente destaca que o *cerrado* é o segundo maior bioma da América do Sul, ocupando uma área de 2.036.448 km<sup>2</sup>, cerca de 22% do território nacional. A sua área contínua incide sobre os estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, São Paulo e Distrito Federal, além dos enclaves no Amapá, Roraima e Amazonas. Neste espaço territorial encontram-se as nascentes das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul (Amazônica/Tocantins, São Francisco e Prata), o que resulta em um elevado potencial aquífero e favorece a sua biodiversidade.

<sup>5</sup> Entrevistas realizadas em 03/08/2010 e 08/08/2010.

<sup>6</sup> Entrevistas realizadas em 26/07/2010, 03/08/2012 e 12/06/2013.



Essas informações são relevantes para localizar tanto a romaria, como as festividades que ali ocorrem. A abertura da História para novas abordagens metodológicas a partir da Nova História Cultural permitiu que se alargassem as fontes de análises da pesquisa histórica. Desse modo, as fontes documentais para investigação do historiador tornaram-se mais abrangentes, passando a incluir cinema, música, fontes iconográficas, fotografias, entre outras, como possibilidades de construção do conhecimento histórico. Propõe-se no artigo elencar a fotografia como referência, uma vez que a mesma tem sido utilizada de forma abrangente para compreensão das sociabilidades, cotidiano e memória das festividades, sobretudo em comunidades tradicionais, no intuito de compreender a dinâmica das festas, os espaços utilizados para manifestação cultural, a partir de registros fotográficos, testemunhos orais, registros paroquiais, cartoriais, textos jornalísticos, entre outras fontes de análises referentes à religiosidade popular presente na localidade. Em face dessa concepção, como percurso metodológico utiliza-se a análise de fotografias como fontes documentais para construção do *corpus documental*, fotos que retratam os momentos festivos como levantamento de mastros, coroações de reis, imperadores das festas, administração de sacramentos, momentos de sociabilidades, entre outros acontecimentos inerentes às manifestações culturais no interior das festas.

### **As festividades a partir de registros fotográficos: possibilidades de análise histórica**

O interesse por registrar as festividades relaciona-se ao desejo de valorizar os agentes envolvidos na pesquisa, bem como dar visibilidade aos residentes da zona rural e urbana que participam da festa. Interessa-nos ainda analisar como a imagem pode evocar memórias, reatar laços temporais, fazer com que revivamos momentos pela recordação. Exemplos desses aspectos são perceptíveis na Imagem 02, cedida por Dona Bonfim. A mesma é viúva de Plácido Roxo, antigo zelador da romaria falecido em 1985. A fotografia é de aproximadamente 1960; nela estão presentes foliões e romeiros, sendo que Plácido Roxo empunha a Bandeira de Nossa Senhora do Rosário (de cor branca). Reforço que esta fotografia originada de um monóculo foi cedida para

tentativa de impressão por Bonfim Rodrigues, e ao recebê-la impressa alegrou-se em poder ver de forma ampliada, mesmo que embaçada, a representação de seu esposo.



Imagem 02: Foto cedida por Bonfim Rodrigues de Sousa – Folias em aproximadamente 1960.

A imagem traz uma forma de interpretar o mundo, tanto na visão de quem a produz, quanto na sua recepção pelo expectador. O caráter da imagem como portadora de uma representação do imaginário e ainda como modo de mediação entre produtor e expectador é pontuado por Pesavento (2003, p. 86):

as imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representações do mundo que constituem o imaginário.

Foram registrados desde 2010 momentos festivos e relacionados à festividade analisada, como forma de recorrência posterior para compreensão das práticas culturais ocorridas na romaria. A seguir, sugere-se uma discussão sobre o papel da fotografia na construção da análise histórica, posteriormente proponho expor alguns desses momentos a partir de fotografias, contextualizando as imagens com as práticas festivas e devocionais.

O grande risco que envolve o uso de fotografias na produção do conhecimento histórico é sua utilização como mera ilustração. A fotografia extrapola essa ilustração, uma vez que é portadora de memória e, principalmente por expressar elementos socioculturais humanos, como assegura Rubim e Oliveira:

A linguagem imagética deve ser compreendida na sua especificidade, no seu tempo, como a expressão de apropriação de um contexto. [...] As imagens representam um importante elemento da atividade sociocultural humana, principalmente, por constituir um sistema de significações específicas que

possibilita a reflexão, ação e expressão do homem em relação a si próprio, aos demais indivíduos e ao meio em que vive (RUBIM; OLIVEIRA, 2010, p. 11-12).

A fotografia como linguagem imagética, especificamente no contexto de registro de práticas religiosas, está inserida no espaço festivo, tem um contexto que a envolve, como afirmam os autores acima mencionados. São também expressões da cultura produzida por meio das práticas devocionais. O registro faz com que a imagem seja portadora de memória, expresse a ação dos agentes envolvidos nas festividades.

Ressalta-se também a tendência à manipulação de imagens, na sua construção para se embelezar ou mostrar algo que se toma como relevante. A imagem não é capaz de mostrar o todo, o cenário que a envolve e torna-se seletiva, construída a partir do olhar de quem a registra. O que se registra ou não é fruto de uma escolha, daí o risco de tentar mostrar uma realidade forjada, por isso necessita-se de uma contextualização do momento de seu registro, bem como a inserção dos sujeitos registrados para que sejam esclarecidas as intenções de quem produz a fotografia, uma vez que a imagem é aberta a diversas interpretações.

De acordo com Mauad (1996, p. 11) deve-se conceber a fotografia como resultado de um processo de construção de sentido, pois a partir dessa construção é possível dar um sentido social à foto, o que nem sempre ocorre em um olhar superficial. Ao pensar a fotografia como registro de práticas religiosas, a construção de sentido é perceptível na medida em que é analisada a relação dos devotos com a própria divindade cultuada. Nesses registros não ocorre preocupação de posarem para serem fotografados, pois estão envolvidos nos momentos devocionais.

A Romaria da Sucupira não tem uma data fixa, mas ocorre geralmente no primeiro final de semana do mês de agosto, entre a sexta-feira e a segunda-feira da semana seguinte. Após ser marcada a data da festividade pelo pároco local, a comunidade se reúne para uma missa onde serão divididos os lotes comerciais, passadas as regras para o andamento das festas e ainda a saída das folias de Nossa Senhora do Rosário e do Divino Espírito Santo. Por ocasião da Romaria da Sucupira ocorre a administração dos sacramentos (principalmente a eucaristia, batizados e casamentos). No entanto, como constam nos depoimentos obtidos, a romaria teve início com rezas e benditos, não havia a presença da Igreja como reguladora das ações dos fiéis.

A folia de Nossa Senhora direciona-se ao sertão arrecadando alimentos e/ou dinheiro para que a festa ocorra. Por outro lado, a folia do Divino direciona-se à cidade para realizar as mesmas tarefas. As folias giram entre treze a quinze dias. Esses foliões são os mensageiros do Evangelho que disponibilizam seu tempo para sair nas casas cantando rodas e alegrando as famílias. Noeci Carvalho Messias mostra-nos a estrutura da Folia do Divino no município de Monte do Carmo e Natividade, que não diferencia nas folias do município analisado:

A Folia do Divino é composta por um grupo de homens, popularmente conhecidos como foliões, os quais desempenham papéis distintos, isto é, tocam diversos instrumentos musicais, sendo os cantadores chamados também de guia e contra-guia; o violeiro, que toca a viola; o caixeiro, que toca a caixa; os arrieiros, responsáveis pela arriação, e o alferes, responsável pelo grupo, variando o número de participantes. Normalmente uma folia é composta por dois violeiros, um caixeiro e três ou quatro arrieiros e os foliões cantadores, que variam em número, dependendo do encarregado da folia. (MESSIAS, 2012, p. 132).

Durante o período em que as folias fazem o giro os romeiros se direcionam a Sucupira para construção das barracas (Imagem 03). Alguns dias antes das festas os homens dirigem-se ao local para retirar a madeira e a palha de pindoba, uma espécie de palmeira comum na região. Atualmente algumas barracas da Romaria começaram a ser feitas de blocos e telhas, pois o Naturatins (órgão estadual que regulamenta áreas ambientais) proibiu a retirada da palmeira com a justificativa de preservar as matas ciliares, as nascentes dos rios.



Imagem 03: Construção das barracas – 15 jul. 2010.

Passados os dias de giro das folias, os Foliões encontram-se no pátio da Sucupira para o Encontro das Folias. Esse encontro ocorre na sexta-feira, no fim da tarde. Ali são entoados cantos para as divindades celebradas, para o Imperador, Imperatriz, Rei e Rainha, para o Cruzeiro que encontra-se à frente da capela, para o Altar (dentro da capela) e, por fim, direcionam-se aos

barracões dos festeiros para cantar rodas de catiras e jantar. Por volta das 19h00min ocorre a Missa com levantamento de mastro (Imagem 04).



Imagem 04: Levantamento do Mastro de Nossa Senhora do Rosário 06 de Ago. 2010.

O mastro é a indicação da festa, tendo no seu cimo um quadro com o santo celebrado. Na Sucupira são levantados mastros para Nossa Senhora do Rosário e para o Divino Espírito Santo. Nestes, é presente a figura do mastreiro, responsável pela organização do mastro, retirada da madeira, pelo convite aos homens para ajudar na condução do mesmo, compra de velas, aquisição dos alimentos necessários para a festa, e, ainda, providenciar cozinheiras para preparar as refeições para servir aos presentes. Nota-se que a partir de 2012 o mastro foi ressignificado, sendo feito de metal. A justificativa está na imposição da Naturatins que proibiu também a retirada da madeira do local.

Na manhã do sábado ocorre o cortejo de Nossa Senhora do Rosário e a Coroação do Rei e Rainha da festa (figura 06). No domingo pela manhã acontece o reinado do Divino Espírito Santo e a Coroação do Imperador e Imperatriz (figura 07). Esse rito antecede a missa matinal; o cortejo sai da casa do reinado e imperadores, é conduzido pela folia e direciona-se alegremente. O sacerdote coroa-os e adentram ao templo para a missa. Ao acabar a missa são feitos os agradecimentos e convite para a refeição. O cortejo sai e direciona-se a casa do reinado e imperadores, ali são servidas comidas e bebidas aos partícipes. É interessante a quantidade de comida preparada nestas festas; essa abundância de farofa, bolos, refrigerantes, garapa de cana é uma constante nas festas da região.



Imagem:05: Coroação do Rei e Rainha de N.S. do Divino Espírito Santo – 08 ago. 2010



Imagem 06: Coroação do Imperador e Imperatriz Rosário - 07 ago. 2010.

Ressalta-se que em diversas comunidades tocantinenses onde são presentes essas manifestações culturais são presentes a alimentação farta, como presenciei em Monte do Carmo, Natividade, Ipueiras, Arraias e Santa Rosa. Essas comunidades mencionadas possuem vestígios do período colonial e da extração aurífera, seja pela presença de comunidades negras ou quilombolas, e ainda pelas características do fenótipo, como a cor da pele. A alimentação farta é uma herança colonial, uma vez que Del Priore (2000, p. 70) ao analisar as festividades ocorridas no Brasil Colônia, assegura que a distribuição de comida tinha uma função muito importante na festa, mesmo as irmandades religiosas que contavam com recursos próprios para preparar os alimentos sentiam-se na obrigação de fazê-lo com a maior generosidade. Para Del Priore “o banquete, comilança coletiva, tinha forte expressão social e o ato de comer juntos era remetido à aliança ou à



força de integração social que se gestava durante a festa” (2000, p.70). Os exageros nas feituças de alimentos são entendidos como momento de sociabilidade entre os presentes, oportunidade de convivência, de interação entre os partícipes dos rituais.

Nas tardes do sábado e domingo são realizados batizados, é uma oportunidade dos habitantes da zona rural batizar os filhos. Floracy Ribeiro afirma que era comum após o término do batizado, a criança ser conduzida à barraca com sanfona, tambores. Na barraca eram servidos bolos, farofas, sucos e bebidas alcoólicas. Presenciei esse comportamento em diversas ocasiões, o que denota que esse costume ainda permanece. Dados paroquiais comprovam a existência de batizados e casamentos na romaria desde o ano de 1922. Até o momento da pesquisa em andamento não tive acesso a dados anteriores a essa data, mas é possível que ocorria a administração dos sacramentos aos moradores da região que se reunia por ocasião das desobrigas, uma vez que o Pe. Jackson Souza Silva informou que ali era local de reunião para as missas desde o século XIX.

Outro fator relevante é a tradição popular da oração do terço cantado com algumas invocações em latim (Imagem 07). Essa oração ocorre no domingo a noite por ocasião da ausência do sacerdote. O padre retorna à cidade para celebrar na Igreja Matriz e as rezadeiras e rezadores assumem esse momento. É ainda uma oportunidade de retomar as raízes da festa, de lembrar os benditos, de pedir pela lavoura, etc. Acaba a reza do terço as pessoas direcionam a frente da Igreja onde está preparada uma fogueira; sentam-se ao redor da mesma e contam piadas, histórias, causos, tocam sanfona, dançam.



Imagem 07: Reza de Nossa Senhora do Rosário – 08 ago. 2010

Na manhã da segunda-feira é o ápice da romaria; ocorre a Missa dos Romeiros. Considero esse momento como ápice da festa por ser uma ocasião de encontro dos sertanejos, pessoas que residem nos povoados e assentamentos da região, e não necessariamente próximos da romaria. Estas pessoas permanecem para a missa, os comerciantes já retornaram à cidade, poucos citadinos permanecem. É o momento de agradecer e pedir pela plantação, pela colheita, por chuva, por saúde; é o momento de promessas de retornar, de não deixar de vir. É o momento emocionante da festa, uma vez que são perceptíveis as lágrimas nos olhos dos romeiros ao deixarem a romaria (figura 08). Estes acordam cedo, preparam as malas, desfazem as barracas e aguardam o término da missa para retornarem suas atividades. São estacionados carros, caminhonetes, caminhões à frente da Igreja (figura 09), e ainda animais arreados para retomarem seus afazeres após a missa.



Imagem 08: Romeiros despedindo da festa– 11 ago.2010.



Imagem 09: Retorno às comunidades – 09 ago. 2013.

No decorrer da pesquisa ocorrida foram apresentados vários trabalhos em eventos acadêmicos. Fui ainda contemplado pelo Edital do Prêmio Secult2011 de Apoio a Pesquisa Científica na área da Cultura Tocantinense, e como contrapartida foi realizada uma exposição de imagens dos momentos festivos e ainda alguns pôsteres de apresentações em eventos. Uma forma de mostrar para a comunidade o conhecimento produzido acerca dela e ainda como forma de valorização, retribuição pelo desenvolvimento da pesquisa. Ressalto os momentos de alegria dos romeiros ao se reconhecerem nas imagens expostas.



Imagens 10 e 11: Mostra fotográfica exposta no decorrer da festa em 2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção da pesquisa histórica onde se utiliza da fotografia como fonte de análise e registro de momentos ou práticas específicas deve-se levar em conta o contexto em que a imagem foi registrada. A imagem extrapola a visão de mera ilustração por trazer consigo uma



carga memorial, a relação da imagem retratada com o tempo em que foi produzida. Nesse sentido, os registros fotográficos expostos no artigo retratam situações espontâneas em que os romeiros estão envolvidos em práticas devocionais, sem preocupação de posar para a fotografia. São imagens que não apenas elucidam os aspectos festivos, mas que trazem em si a carga memorial da inserção dos sujeitos com a religiosidade. Torna-se histórica a partir do momento em que está inserida na própria festa, torna-se fonte de compreensão das práticas culturais presentes na Romaria da Sucupira, daí seu caráter documental.

As discussões aqui explanadas justificam-sena tentativa de contribuir para com a valorização das práticas culturais dos participantes da respectiva romaria, em sua maioria residentes na zona rural. Para isso foram registrados diversos momentos em que essas práticas ocorrem. Na execução da pesquisa em andamento são utilizadas outras fontes, mas utilizo a fotografia para expor as manifestações religiosas ocorridas na festividade analisada.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BARTHES, Roland. A Câmara Clara. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro/RJ, 2008.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 10ª ed. São Paulo: Cia da Letras, 1994.
- BRÁSÍLIA, Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biomas/cerrado>> acesso em 24 de agosto de 2014.
- BURKE, Peter. Variedades da história cultural. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2006.
- DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo: Ática, 1989.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 13ª ed., 2000.
- LORENZI, Harri. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil*. Nova Odessa, SP: Plantarum, 1998.



MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*. Revista Tempo. Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 2-15.

MESSIAS, Noeci. Carvalho. *Religiosidade e devoção: As festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO*. 2010.352 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Goiás, Goiânia - GO, 2010.

PESAVENTO, S. J. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PÓVOA, Osvaldo Rodrigues. *Crônicas de outros tempos*. Goiânia: Gráfica Editora Líder, 1983.

RUBIM, Sandra Regina Franchi; OLIVEIRA, Terezinha. *A imagem como fonte e objeto de pesquisa em História da Educação*. Seminário de Pesquisa do PPE, Universidade Estadual de Maringá, 2010. p.1-15.